

IMPACTOS DA PANDEMIA DA COVID-19 NA FEIRA AGROECOLÓGICA DE SÃO ROQUE, ESTADO DE SÃO PAULO¹

Sebastião Wilson Tivelli²
Silvia Moreira Rojo Vega³
Vagner Azarias Martins⁴
Soraia de Fátima Ramos⁵
Isabel Fernandes Pinto Viegas⁶

1 – INTRODUÇÃO

No final do ano de 2019, o mundo foi surpreendido com as notícias da propagação de uma nova doença letal nomeada como covid-19, causada pelo coronavírus SARS-CoV-2. Desde então, todos os países têm enfrentado as consequências da pandemia, adotando estratégias como a quarentena e o isolamento social, de modo a frear a escalada das mortes causadas pelo vírus (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020).

Até março de 2020, mais de 750 mil pessoas no mundo haviam sido contaminadas pelo coronavírus (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2021). Naquele momento, os cientistas ainda não haviam chegado a um consenso sobre uma solução eficaz e definitiva por meio da medicina para prevenção, erradicação e controle das consequências imprevisíveis para a saúde humana daqueles afetados mundialmente pela doença. Em razão da gravidade dos danos da covid-19, as severas e necessárias medidas de restrição para diminuir a circulação de pessoas e mercadorias em âmbito local, regional e internacional têm gerado, desde então, inúmeros e incalculáveis impactos sociais e econômicos negativos aos países. Até agosto de 2021, foram contaminadas mais de 206 milhões de pessoas no mundo.

No Brasil, os números da população atingida pelo SARS-CoV-2 até agosto de 2021 alcançavam o montante de 20.494.014 de pessoas, com 572.733 óbitos. No Estado de São Paulo, a covid-19 chegava a acometer 4.195.466 de pessoas e a causar um total de 143.752 óbitos (MORTES..., 2021). Em 2020, o Decreto n. 64.881 no Estado de São Paulo, de 22 de março de 2020 (SÃO PAULO, 2020a), determinou que apenas serviços essenciais permaneceriam em funcionamento, gerando impactos significativos na produção, distribuição, comercialização e no consumo de alimentos. Posteriormente, o Plano São Paulo regulamentou regionalmente a reabertura consciente das atividades econômicas e não econômicas, a partir de 1 de junho de 2020 (GOVERNO..., 2020).

Nesse contexto, tornam-se fundamentais as análises que discutem as consequências socioeconômicas decorrentes do avanço da covid-19 no Brasil e as ações realizadas pelo Estado brasileiro, bem como as alternativas encontradas pela população, de maneira a mitigar os prejuízos agravados nesse período, como o desemprego e a diminuição na renda das famílias, sobretudo das mais vulneráveis. Os desdobramentos da pandemia para a agricultura e alimentação são temas cruciais a serem investigados por implicarem diretamente nas condições de saúde da população.

¹Registrado no CCTC, IE-01/2021.

²Engenheiro Agrônomo, Doutor, Pesquisador Científico da Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios, Polo Regional Centro Sul (e-mail: stivelli@sp.gov.br).

³Bióloga, Mestre, Pesquisadora Científica da Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios, Polo Regional Vale do Paraíba (e-mail: silvia.vega@sp.gov.br).

⁴Estatístico, Mestre, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola (e-mail: vagnermartins@sp.gov.br).

⁵Geógrafa, Doutora, Pesquisadora Científica do Instituto de Economia Agrícola (e-mail: sframos@sp.gov.br).

⁶Engenheira Agrônoma, Doutora, Pesquisadora Científica da Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios, Polo Regional Vale do Paraíba (e-mail: ifpviegas@sp.gov.br).

Assim, o presente trabalho aborda o comportamento e o perfil da Feira Agroecológica de São Roque no Estado de São Paulo (SÃO ROQUE, 2019) durante a pandemia da covid-19, a partir da perspectiva das agricultoras e agricultores feirantes, analisando-se a receita gerada e a visão da agricultura orgânica e agroecológica. A análise cobre um período de 8 meses (antes e durante a pandemia) para compreender o papel dos circuitos curtos de comercialização para a geração de renda e segurança alimentar local.

A Feira Agroecológica de São Roque é fruto da Política Estadual de Agroecologia e Produção Orgânica do Estado de São Paulo (PEAPO/SP) (Lei n. 16.684/2018) (SÃO PAULO, 2018). A PEAPO/SP tem como instrumento a assistência técnica e extensão rural (ATER) especializada em agroecologia, incentivando a comercialização e o apoio ao acesso a mercados, além da expansão do acesso dos consumidores aos produtos orgânicos ou de base agroecológica e promoção da soberania e segurança alimentar.

Dentre os objetivos da PEAPO/SP, está apoiar e estimular as agricultoras e agricultores em transição agroecológica que fizeram a adesão voluntária ao Protocolo Estadual de Boas Práticas Agroambientais, popularmente conhecido como

Protocolo de Transição Agroecológica. Em novembro de 2020, esse protocolo estava presente em 52 municípios paulistas, com 25 equipes de ATER e 333 agricultoras e agricultores⁷.

Instalada experimentalmente na Unidade de Pesquisa e Desenvolvimento em Agricultura Ecológica da APTA Regional, a Feira Agroecológica de São Roque tem sido realizada todas as quintas-feiras, das 8h às 12h, desde 21 de novembro de 2019. Podem participar agricultoras e agricultores sediados em São Roque e que aderiram ao protocolo, ou que tenham certificação orgânica com base na Lei n. 10.831/2003 (BRASIL, 2003). O município de São Roque tinha, em novembro de 2020, 19 agricultoras e agricultores que aderiram ao protocolo (SÃO PAULO, 2020b) e 56 outros com certificação orgânica (BRASIL, 2020).

O município de São Roque, com população estimada de 92.060 habitantes (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2020), faz parte da Região Metropolitana de Sorocaba⁸, e está situado a 66 km da capital do Estado de São Paulo (Figura 1). Em fevereiro de 2021, havia sido notificado no município um total de 2.580 casos de covid-19 (SÃO PAULO, 2021b), com 36 óbitos.



Figura 1 – Localização do município de São Roque, Estado de São Paulo.
Fonte: São Paulo (2019b).

⁷A comunicação pessoal foi fornecida por Cássia Callegari, Especialista Ambiental da Casa de Agricultura de Mairiporã, EDR São Paulo/CDRS, em 18/11/2020.

⁸A Região Metropolitana de Sorocaba (RMS) foi institucionalizada em 8 de maio de 2014 pela Lei Complementar Estadual n. 1.241. É composta por 27 municípios, agrupados em três sub-regiões, e possui mais de 2 milhões de habitantes (SÃO PAULO, 2019).

Entre os anos de 2016 e 2017, São Roque possuía 214 unidades de produção agropecuária (UPAs), ocupando um total de 5.408,9 hectares, de acordo com o Levantamento Censitário das Unidades de Produção Agropecuária do Estado de São Paulo. A grande maioria dessas unidades de produção (94%) está concentrada na faixa de 0,1 até 50 hectares. A tabela 1 e as figuras 2 e 3 trazem um breve perfil do município, com dados de uso do solo, estratificação fundiária e de instrução.

A área com cultura perene perfaz um total de 63,7 hectares, enquanto a área com cultura temporária abrange 558,9 hectares. Está presente na produção local uma grande diversidade de frutas e hortaliças, destacando-se as culturas de milho, alface, repolho e alcachofra. Do total de UPAs de São Roque, 160 afirmaram fazer uso de adubação orgânica quando necessário (SÃO PAULO, 2019b).

Com o objetivo de verificar se houve um aumento da procura por produtos *in natura* em razão do isolamento social (refeições em casa) e da maior preocupação com a saúde (alimentação saudável) durante a pandemia em 2020, foram avaliados os dados semanais e mensais comparativos da receita da Feira Agroecológica de São Roque. Foram também analisados dados qualitativos, de modo a traçar o perfil dessas agricultoras e agricultores feirantes de São Roque.

1.1 – Agricultura e Pandemia

A agricultura familiar ocupa um nicho que não pode ser ocupado pelo agronegócio, no qual a aproximação e a confiança no produtor e no seu modo simples de produzir atuam como diferenciais. Esse é o campo da economia solidária, que

TABELA 1 – Comparativo de área total, área média e número de UPAs, município de São Roque, LUPA 2007/08 e 2017/17

Variável	LUPA		Var. %
	2007/08	2016/2017	
Área total (1.000 ha)	5,63	5,41	-3,91
Área média (ha)	27,32	25,28	-7,47
N. de UPAs	206	214	3,88

Fonte: São Paulo (2019b).

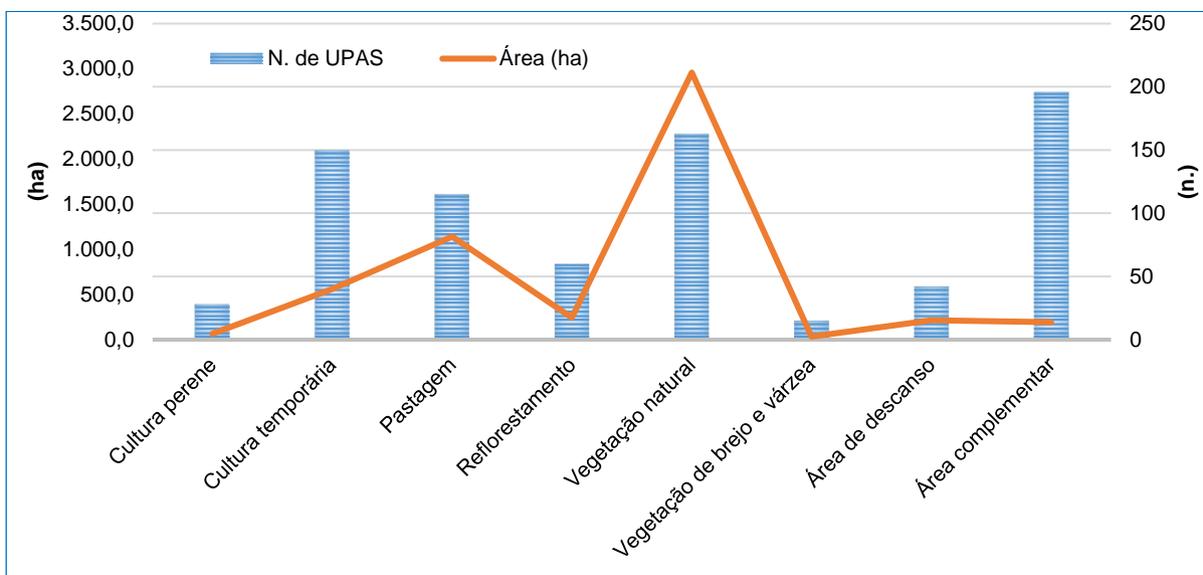


Figura 2 – Utilização de solo, município de São Roque, Estado de São Paulo, LUPA 2016/17.

Fonte: São Paulo (2019b).

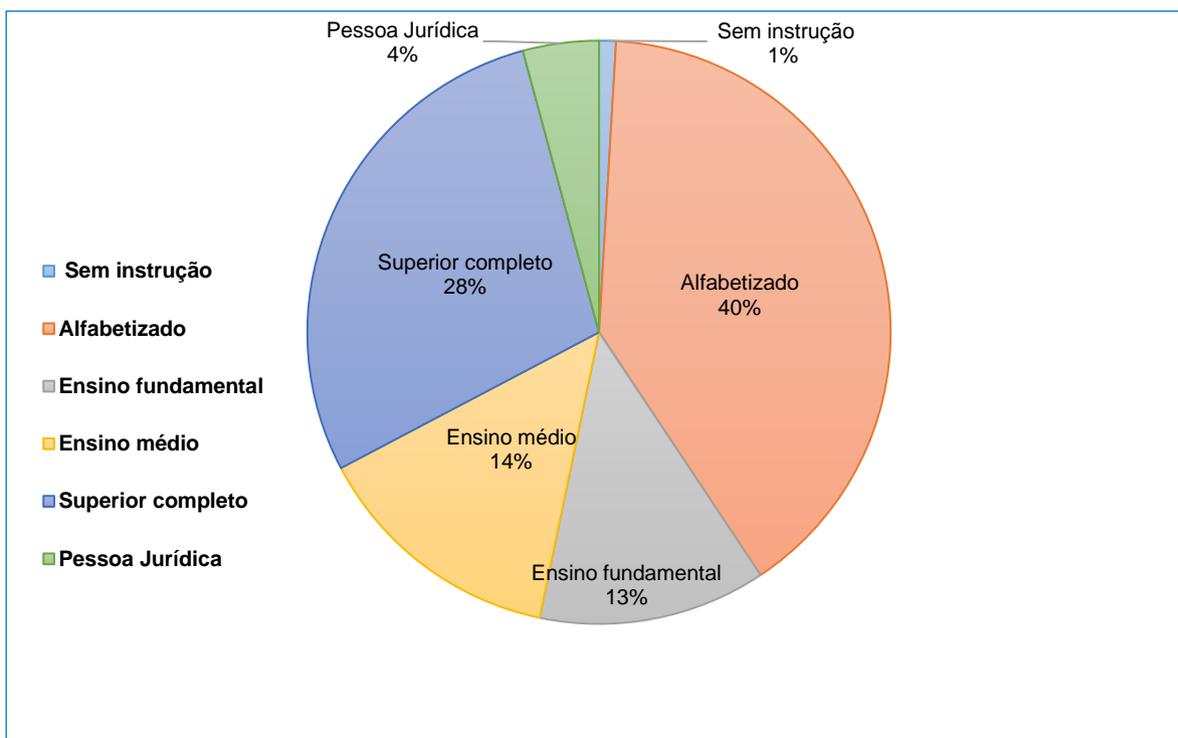


Figura 3 – Número de UPAs por nível de instrução, município de São Roque, Estado de São Paulo, LUPA 2016/17. Fonte: São Paulo (2019b).

encontra no mercado local um grande potencial para os produtos da agricultura familiar, uma vez que ressalta a valorização do trabalho em vez de enfatizar o capital. A aproximação entre agroecologia e economia solidária amplia as oportunidades de inserção de atores vulneráveis, com impactos diretos na segurança alimentar. A inserção produtiva implica em ganhos de organização, responsabilidade, cooperação e autonomia (VIEGAS et al., 2018).

No contexto atípico da pandemia, assegurar a oferta de alimentos de qualidade e em quantidade suficiente à população levantou a discussão sobre a importância primordial da agricultura e do segmento socioprodutivo da agricultura familiar, responsável por parte significativa da oferta interna de alimentos.

Os efeitos da pandemia sobre a agricultura familiar no curto prazo são sobretudo econômicos, porque acarretam dificuldades na manutenção da atividade produtiva e no escoamento da produção. As medidas de isolamento geraram diminuição da demanda e, conseqüentemente, queda dos rendimentos provenientes da comercialização. A médio prazo, a retração da atividade pode comprometer decisões de plantio, elevando

o risco de desabastecimento alimentar após a crise. A retomada dos investimentos nos programas governamentais existentes surge como um caminho possível para confrontar os riscos atuais e manter a regularidade necessária da oferta de bens alimentícios, sobretudo nos grandes centros urbanos (VALADARES et al., 2020).

O impacto da covid-19 no mercado de hortaliças e frutas no município paulista de Marília foi alvo de estudo por Furlaneto, F., Soares e Furlaneto, L. (2020). O levantamento realizado por esses autores, no período de 25/03/2020 a 20/04/2020, registra a redução do consumo tanto no atacado quanto no varejo de hortaliças e frutas. Os agricultores de Marília que forneciam para as compras governamentais no período do levantamento amargaram perdas de 80% da produção. Com a publicação do decreto paulista que estabeleceu o isolamento social, o consumo de hortaliças e frutas em supermercados aumentou entre 30% e 40%, enquanto os restaurantes registraram em média uma queda de 45% no consumo desses produtos. No período estudado, houve queda de 32% no consumo total de hortaliças e frutas nessa cidade.

Para conter a transmissão do coronavírus, as autoridades de saúde implementaram

ações de isolamento social, que consistiam desde o fechamento parcial de estabelecimentos não essenciais até a determinação de distanciamento e uso de máscaras por todos da população. Estimativas feitas com base em dados das operadoras de telefones celulares no Brasil indicavam que cerca de metade das pessoas seguia as recomendações para ficar em casa (SÃO PAULO, 2021b).

Com a pandemia, o comportamento humano em relação à alimentação foi modificado. Um fator que poderia contribuir para a melhoria da alimentação seria uma eventual preocupação em consumir alimentos mais saudáveis para aumentar as defesas imunológicas (STEELE et al., 2020). A maior permanência das pessoas em casa e a restrição do consumo presencial em estabelecimentos de alimentação preparada aumentaram o número de refeições domiciliares. Segundo Andrade et al. (2020), considera-se positiva a alimentação feita em casa utilizando alimentos frescos, por ser mais saudável. Todavia, observaram também a tendência negativa em razão do maior consumo de alimentos industrializados, dadas as dificuldades de se obterem alimentos frescos e a eventual diminuição da renda familiar.

Ao longo de 2020, a Coordenadoria de Desenvolvimento Rural Sustentável (CDRS) realizou a "Sondagem sobre os impactos da pandemia da covid-19 nos agricultores familiares do Estado de São Paulo", de modo a sinalizar políticas públicas efetivas para o setor. Foram aplicados questionários a 42 agricultores do Escritório de Desenvolvimento Regional (EDR) de Sorocaba, ao qual pertence o município de São Roque, visando avaliar cinco dimensões dos impactos da pandemia sobre o segmento: produção, renda familiar, auxílio emergencial e crédito rural, saúde e modo de vida. Grande parte dos agricultores entrevistados não relatou alterações significativas na produção. Entre os obstáculos relatados, os principais foram: a dificuldade de se obter insumo, a dificuldade no escoamento e a interrupção nas compras públicas. No caso da olericultura, cerca de 75% dos agricultores relataram queda no volume das vendas. Entre os agricultores, a principal dificuldade foi o escoamento. Como principais canais de comercialização, foram citados agroindústria, intermediários, venda direta ao consumidor e mercado local. Apesar de grande parte dos entrevistados ter relatado não ter havido alteração ou apenas ligeira

queda na renda familiar, a principal causa foi atribuída à redução do mercado consumidor e volume comercializado decorrentes do isolamento social (PINHO et al., 2020).

1.2 – Circuitos Curtos de Comercialização

O conceito de circuito curto de comercialização (DAROLT, 2012; DAROLT; LAMINE, 2017) é o enfoque que ajuda a analisar o comércio de alimentos que aproxima produtores e consumidores. Os circuitos curtos de comercialização são as vendas diretas na estrada ou porteira, as entregas *delivery*, cestas, as feiras agroecológicas de agricultores, os mercados institucionais da agricultura familiar, as lojas especializadas e as redes e grupos de consumo responsável. A ideia de circuitos curtos de comercialização encontra-se na fronteira do conhecimento e constitui-se em conceito em construção no ambiente acadêmico e institucional.

A maioria dos agricultores de base ecológica bem-sucedidos em circuitos curtos de comercialização utiliza pelo menos três canais de venda: as feiras agroecológicas, os programas de compras públicas governamentais e as cestas. Para o consumidor, os circuitos curtos permitem um preço mais justo para acesso aos alimentos orgânicos (DAROLT, 2012).

Darolt e Lamine (2017), em estudos de casos comparativos no Brasil e França, abordam as redes alternativas de alimentos que atuam principalmente em circuitos curtos de comercialização, como são as feiras do produtor. Para os autores,

uma das especificidades dessas redes é o fato de questionar alguns princípios básicos do sistema agroindustrial, como a homogeneização, a padronização dos produtos, o grande número de intermediários na comercialização e o transporte em grandes distâncias (DAROLT; LAMINE, 2017, p. 326).

Os autores relacionam as redes alimentares alternativas e as cadeias curtas de comercialização com a emergência da democracia alimentar. As cadeias curtas aproximam e fortalecem os elos de confiança e diálogo entre os consumidores e setor produtivo (agricultores), favorecendo a conscientização sobre os princípios da produção agrícola sustentável e promovendo maiores facilidades no acesso a produtos para uma alimentação saudável.

A proximidade social, relacional e geográfica das cadeias curtas facilita, apesar de não garantir, um maior engajamento do consumidor, em contraste com a distância e o pouco engajamento do consumidor típico de uma cadeia longa de alimentação (DAROLT; LAMINE, 2017, P. 327).

A democratização com a maior distribuição do poder de decisão entre as diferentes partes interessadas (produtor e consumidor) oferecem preços mais justos em razão da própria dinâmica dos circuitos curtos de comercialização, gerando renda no município e ampliando a integração socioeconômica.

Os resultados apontam para um tipo de democracia alimentar que está em jogo dentro destes circuitos curtos de comercialização de alimentos, através de modos de gestão participativa e tomada de decisões que tendem a ser articuladas de maneira a compartilhar o poder entre os diferentes participantes. Observou-se que as redes alternativas favorecem o aprendizado de novas práticas democráticas que se tornam fontes de empoderamento e formação de consumidores e produtores mais politizados, além de impulsionar o desenvolvimento da agroecologia (DAROLT; LAMINE, 2017, p. 345).

Conforme estudos, os circuitos curtos permitem melhor remuneração das agricultoras e agricultores, geração de emprego e renda com a dinamização da economia local. Outros aspectos a serem destacados são os ganhos ambientais, pois reduzem o impacto da produção no ambiente, nas embalagens e no transporte.

2 – METODOLOGIA

O estudo de caso da Feira Agroecológica de São Roque foi realizado por meio de pesquisa qualiquantitativa (BAPTISTA; CAMPOS, 2016). Foram coletados de entrevistas diretas *in loco* dois perfis de dados: 1) dados quantitativos semanais de renda gerada na feira de novembro de 2019 a julho de 2020; e 2) dados qualitativos coletados por meio de um questionário semiestruturado que foi utilizado para entrevistar seis agricultoras e agricultores feirantes na semana de 27/08/2020 a 3/09/2020.

No período em estudo, foram coletados dados de 30 semanas, sendo 15 feiras antes do período de quarentena e 15 feiras após sua decre-

tação no Estado de São Paulo. A amostra de dados anterior ao decreto foi realizada de 21/11/2019 a 12/03/2020, e a posterior de 19/03/2020 a 02/07/2020. A feira realizada no dia 19/03/2020 foi enquadrada como posterior, porque nessa data já estava amplamente divulgado o início da quarentena em São Paulo.

A entrevista qualitativa teve como base os temas: levantamento socioeconômico, a importância e o papel da feira para as agricultoras e agricultores feirantes, o objetivo da produção, as alterações causadas pela pandemia e as perspectivas de continuidade na produção e de futuro.

Foram entrevistados cinco empreendimentos da agricultura familiar e uma instituição de tratamento de dependentes químicos, todos participantes do Protocolo de Transcrição Agroecológica (SÃO PAULO, 2018).

3 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 – Perfil de Agricultoras e Agricultores da Feira Agroecológica de São Roque

Todas as agricultoras e agricultores feirantes entrevistados relataram produzir em pequenas propriedades, com áreas que variam de 2 a 33 hectares. A área da produção é ainda menor, variando de 0,3 a 10 hectares (Figura 4), e corresponde a 0,5% a 100% da área total da unidade agrícola. O número total de pessoas trabalhando nas diversas fases da produção, que inclui a mão de obra familiar e a mão de obra contratada, variou de uma a sete pessoas, com maior frequência de dois trabalhadoras/trabalhadores (em três propriedades). Com relação à participação da mão de obra familiar em relação à mão de obra total, essa razão variou de 0,5 (em duas propriedades) a 1 (em três propriedades).

No caso da instituição de tratamento de dependentes químicos participante do protocolo, os residentes foram considerados mão de obra familiar. Em geral, há grande predominância desse tipo de mão de obra. Os dois casos que aparecem com 50% de mão de obra contratada correspondem a unidades com apenas um membro da família. Nos três casos em que há contratação, é de apenas um trabalhador em cada. A média de idade dos entrevistados está acima dos 40 anos, sendo que a maior incidência está na faixa dos 40

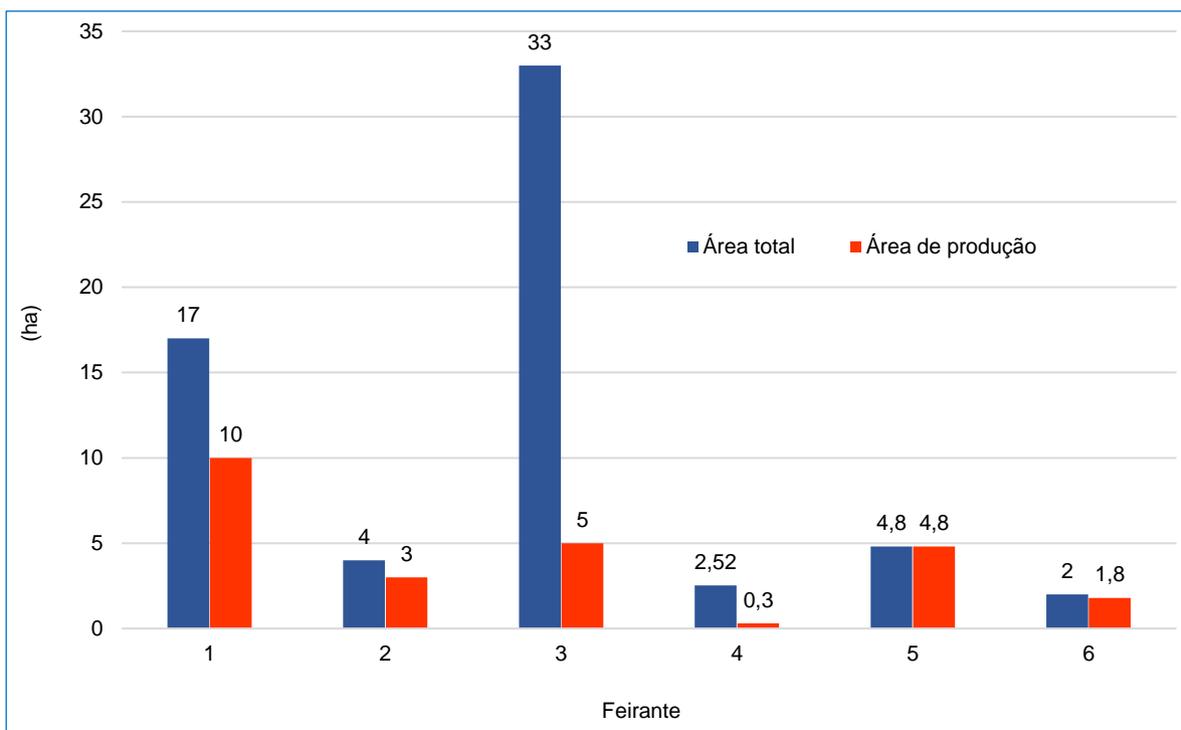


Figura 4 – Área total da propriedade e área de produção para as respostas da pesquisa, Feira Agroecológica de São Roque, Estado de São Paulo, 2020.

Fonte: Dados da pesquisa.

a 50 anos (quatro propriedades, uma entre 50-60, e uma acima dos 60 anos).

Entre as seis agricultoras e agricultores feirantes entrevistados, apenas um era do sexo masculino. No entanto, quando se analisam as informações sobre gênero de trabalhadoras e trabalhadores familiares, há uma ligeira predominância do trabalho masculino (dez homens contra oito mulheres no total). No que se diz respeito à mão de obra contratada, apenas uma funcionária é do sexo feminino

Observa-se a alta incidência de agricultoras e agricultores feirantes com formação escolar de nível superior (completo ou incompleto). Todas as propriedades analisadas apresentam mais de 50% da mão de obra com formação escolar de nível superior. Entre as trabalhadoras e os trabalhadores contratados, apenas a funcionária da instituição de tratamento de dependentes químicos apresentou nível superior.

Com relação à renda gerada com a atividade agrícola, dois feirantes afirmaram que corresponde a 100% da sua renda. Os demais entrevistados responderam que a renda corresponde

respectivamente a 50%, 25% e 20%, e um não soube responder, sendo utilizados os demais canais de circuitos curtos. Com relação à segurança alimentar, de todas as pessoas citadas nas entrevistas, apenas uma não se beneficia da produção para o autoconsumo.

O tempo de experiência na atividade agrícola variou de 1 a 34 anos, com maior frequência de 5 a 6 anos. O tempo de Protocolo de Transição Agroecológica, por se tratar de uma política mais recente, variou de 4 meses a 2 anos.

Durante o levantamento dos dados, observou-se a capacidade de autogestão e autonomia de agricultoras e agricultores feirantes, por meio da criação de um Grupo Gestor da Feira, que prevê o compartilhamento das responsabilidades. Entre as agricultoras e agricultores, as tarefas de gestão (limpeza, controle do fundo de caixa e divulgação) estão organizadas por setor e distribuídas por responsáveis. São realizadas reuniões mensais para prestação de contas, acertos, combinados e divisão de tarefas.

Dentre as distintas concepções de autogestão (ROSANVALLON, 1979), o Grupo Gestor da Feira pode ser caracterizado por um perfil baseado em práticas baseadas em uma linguagem humanista. Nela, a autogestão é, sobretudo, uma forma de ser, referindo-se mais ao comportamento e não à forma de poder. Observa-se que há nesse grupo de agricultoras e agricultores feirantes a valorização do altruísmo e da entrega ao grupo social; é a insistência da transformação da vida cotidiana (FARIA, 2017).

3.2 – Avaliação Quantitativa dos Dados dos Valores das Feiras Semanais, Antes e Depois do Início do Decreto de Quarentena no Estado de São Paulo

Para a análise dos dados quantitativos, fez-se uso de estatísticas descritivas de tendência central e de dispersão em ambos os períodos de coleta. E para o comparativo entre os resultados, foi calculado o coeficiente de correlação das séries, bem como a linha de tendência linear.

A média total das vendas na feira em reais foi 43,30% superior após a pandemia, e a variabilidade foi menor nesse período (coeficiente de variação de 23%), e isso mostra constância na elevação do valor médio (Tabela 2). O aumento da média das vendas (em R\$) se torna ainda mais significativo quando se observa que

o valor individualizado foi 59,52%, comparando-se os dois períodos. Esse resultado é maior do que o global, porque foi obtido por um número menor de feirantes efetivos: após a quarentena, houve participação efetiva de seis feirantes, ao passo que, no período anterior, havia presença efetiva de sete.

Em relação à evolução da média total das vendas na feira, houve tendência crescente após a pandemia e decrescente no período que antecedeu a quarentena (Figura 5). Observa-se, assim, o efeito direto da quarentena devido ao aumento da média total das vendas.

Um resultado bastante interessante é obtido pelo cálculo do coeficiente de correlação dos períodos. Apesar de os dados coletados e analisados serem do mesmo local, com o mesmo grupo de feirantes, comercializando produtos semelhantes e com pequena diferença temporal, era razoável esperar um coeficiente bem mais alto. Entretanto, os valores obtidos mostram um coeficiente de correlação inferior a 60%, mostrando efeito favorável em relação à mudança do perfil consumidor no contexto da pandemia.

Os dados mostram com clareza que o efeito coronavírus proporcionou uma situação favorável para a comercialização na Feira Agroecológica de São Roque, piloto deste estudo. No período analisado não houve alteração nos preços e, portanto, o aumento de renda foi devido a maior demanda.

TABELA 2 – Descritivo dos resultados dos conjuntos de dados, município de São Roque, 2019-2020

Estatística	Anterior	Posterior
Número de feiras	15	15
Média total da feira (R\$)	803,34	1.151,21
Desvio padrão	231,82	267,59 ban
Coeficiente de variação	0,29	0,23

Fonte: Dados da pesquisa.

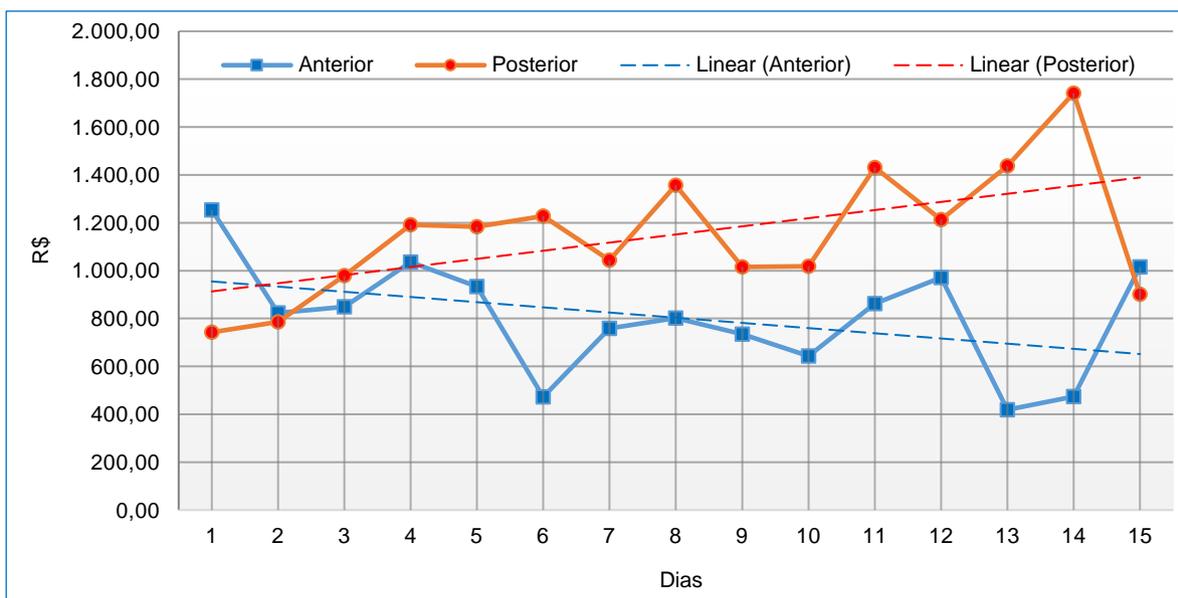


Figura 5 – Evolução do valor total nos períodos anterior e posterior à quarentena, e tendência linear das evoluções, Feira Agroecológica de São Roque, Estado de São Paulo, 2020. Fonte: Dados da pesquisa.

3.3 – Perfil e Importância da Feira Agroecológica de São Roque

A Feira Agroecológica de São Roque foi criada em novembro de 2019. Atualmente, é composta por seis bancas, sendo cinco de agricultoras e agricultores feirantes, e uma banca institucional voltada ao tratamento de dependentes químicos e participante do Protocolo de Transição Agroecológica.

Para todas as agricultoras e agricultores feirantes entrevistados, tanto a Feira Agroecológica de São Roque quanto os produtos agroecológicos ganharam visibilidade durante a pandemia devido à ampliação do olhar dos consumidores sobre a natureza e espaços cultivados e não cultivados, e à mudança do hábito alimentar da população, que buscou alimentos que promovessem a saúde. Houve a ampliação da diversidade de alimentos/plantas consumidos e um novo olhar sobre a natureza; por exemplo, antes da feira, os consumidores são-roquenses não tinham acesso às plantas alimentícias não convencionais (PANCs).

Na opinião de 33,3% das agricultoras e agricultores feirantes da Feira Agroecológica de São Roque, o espaço amplia a integração socioeconômica e ajuda a manter os recursos no município. Dentre as agricultoras e agricultores feirantes, há quem enxergue a feira como um ato de

resistência e coragem, no qual o “olho no olho” com a clientela permite saber os interesses e expectativas.

Os entrevistados indicaram que a Feira Agroecológica de São Roque promove a agroecologia de maneira mais ampla, pois as feiras são espaços para além do acesso ao alimento saudável, pois também servem como locais de troca de conhecimento e experiências sobre agroecologia, segurança alimentar, saúde comunitária, o uso adequado dos recursos naturais e a qualidade orgânica dos produtos. Essa troca ocorre não apenas entre os feirantes, mas também com os consumidores que passam a valorizar a alimentação saudável, a sua implicação política e a importância para mudança de hábitos alimentares da população. Na visão dos entrevistados, a feira apresenta-se também como um espaço terapêutico.

Na opinião de 66,7% das agricultoras e agricultores feirantes, a Feira Agroecológica de São Roque representa uma oportunidade de convivência com seus pares, favorecendo a troca de conhecimento e experiência. Ela representa ainda, para metade das agricultoras e agricultores feirantes, a oportunidade de fazer parte de um movimento de mudanças no município por meio do ativismo pela agroecologia. Na eleição municipal de 2020, uma das agricultoras feirantes lançou-se pela primeira vez como candidata a uma das vagas do legislativo municipal.

A Feira Agroecológica de São Roque é vista por 33,3% das agricultoras e agricultores feirantes que aderiram voluntariamente ao protocolo como sendo um bom canal para escoar a produção. Contudo, as agricultoras e agricultores citaram a necessidade de aumentar a divulgação da feira para obter mais clientes. A feira representou, para 33,3% das agricultoras e agricultores, um espaço para ampliar a clientela. A exposição dos produtos na feira abriu outros canais dos circuitos curtos no município, como, por exemplo, a venda direta em condomínios para 16,7% de agricultoras e agricultores feirantes.

Para metade dos entrevistados, o espaço da feira representa uma oportunidade para ajudar a mudar o hábito alimentar da população são-roquense, tanto para fortalecer a alimentação saudável como para aumentar a oferta de alimentos agroecológicos. As agricultoras e agricultores feirantes mencionaram também que a Feira Agroecológica de São Roque representa uma vitória e estímulo para produzir e buscar a qualidade na alimentação, além de oferecer uma oportunidade de reinserção na sociedade dos residentes da instituição voltada ao tratamento de dependentes químicos.

Todas as agricultoras e agricultores da Feira Agroecológica de São Roque declararam que o canal de comercialização da feira colabora com a agroecologia. Para essas agricultoras e agricultores, esse canal permite demonstrar para os consumidores a qualidade dos produtos da agroecologia, e também falar da transição agroecológica, dos princípios da produção orgânica, da saúde comunitária, das mudanças climáticas e do empoderamento sobre a alimentação saudável. O canal de comercialização é acessível (preço justo) e oferece produtos difíceis de serem encontrados pelos consumidores no mercado local. Para 16,7% das agricultoras e agricultores feirantes, o canal de comercialização da feira dá confiança ao trabalho desenvolvido na agroecologia, além de servir de aprendizado para reivindicar politicamente o que querem para o município.

As agricultoras e agricultores foram unânimes ao afirmar que a Feira Agroecológica de São Roque gerou aumento na sua renda. Metade das agricultoras e agricultores espontaneamente afirmou que sua renda aumentou, especialmente após a pandemia, pois outros canais de comercialização – como a venda para restaurantes de São Roque, consultorias e cursos – pararam após a

quarentena decretada. Uma observação feita pelos entrevistados é a necessidade de divulgação para atrair mais clientes e ampliar a rede de consumidores.

Na percepção das agricultoras e agricultores feirantes, a pandemia impactou diretamente a agroecologia, tanto positivamente quanto negativamente. Para aqueles que sentiram a correlação positiva entre a pandemia e a agroecologia (83,3%), o destaque ficou para o aumento da consciência das pessoas sobre o alimento saudável, sendo lembrado inclusive que a mídia vem destacando a importância dela.

Apenas 33,3% das agricultoras e agricultores reportaram uma correlação negativa entre a pandemia e a agroecologia. Na comercialização da Feira Agroecológica de São Roque, houve uma redução inicial das vendas, inclusive com o cancelamento da feira seguinte à decretação da quarentena. Outro impacto negativo que foi lembrado está relacionado com a estrutura fundiária em São Roque com a mudança no perfil do uso da terra. A proximidade com a capital do estado transformou diversos sítios em chácaras recreativas, onde parte da população de São Paulo vem passar os finais de semana e as férias. Com o avanço da pandemia, tais chácaras passaram a ser ocupadas por pessoas da capital que, segundo um dos entrevistados, têm o hábito de colocar fogo em tudo para manter “limpo” o espaço.

O aumento na demanda por alimentos orgânicos devido à mudança do hábito alimentar dos consumidores na pandemia estimulou que 83,3% dos agricultores ampliassem a sua área produtiva e 100% diversificassem a sua produção. Os impeditivos daqueles que não conseguem aumentar sua área e/ou diversificar a sua produção foram a falta de espaço e de mão de obra especializada. Buscaram parcerias para plantio, mas relataram não saber como fazer.

Na diversificação dos produtos, 83,3% das agricultoras e agricultores feirantes optaram por produtos de origem vegetal, mas ocorreram também a diversificação com apicultura, alimentos artesanais, cogumelos, e por meio de parcerias para laticínios e para plantio de medicinais.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das características que sinalizam a resiliência de agricultoras e agricultores no sistema

orgânico diz respeito à flexibilidade e adaptação para a inserção em distintos espaços destinados ao comércio de alimentos frescos (*in natura*), independente do cenário social apresentado. As entrevistas revelam que, antes da criação e inserção de agricultoras e agricultores na Feira Agroecológica de São Roque (novembro de 2019), a maioria já possuía experiências diversas de vendas de seus produtos por meios das várias modalidades dos circuitos curtos de comercialização.

Anteriormente, os entrevistados praticavam as vendas diretas na porteira, em eventos (cursos), em outras feiras (agroecológicas e convencionais), com a oferta de cestas *on-line* e no comércio local (restaurantes, mercados, supermercados, empórios, quitandas). Não obstante à instabilidade na circulação e comércio de alimentos gerada pela pandemia, os entrevistados continuaram a demonstrar a necessária versatilidade e adaptação para enfrentar o período de incertezas, mantendo-se ativos na produção e comercialização.

Nos meses de isolamento social, agricultoras e agricultores não interromperam as vendas na Feira Agroecológica; ao contrário, seguiram respeitando as boas práticas e as novas demandas da clientela, buscando avançar no planejamento dos negócios com a ampliação e diversificação da área de produção, de modo a atender o consumidor mais consciente da importância dos alimentos *in natura* orgânicos (frutas, legumes e verduras) para a manutenção da saúde.

Outro aspecto da evidente resiliência de agricultoras e agricultores entrevistados refere-se à assimilação do potencial e importância da Feira Agroecológica como espaço político de diálogo, informação, divulgação e consumo consciente sobre a alimentação saudável. Nota-se nos relatos que há uma apropriação pelos feirantes do significado social da feira enquanto espaço terapêutico, local de ativismo e socialização, ao promover a troca de saberes com diálogos sobre temas como a saúde comunitária, as mudanças climáticas e o empoderamento sobre alimentação saudável no município.

A Feira Agroecológica de São Roque torna-se um ambiente favorável à criação de redes de solidariedade e múltiplos aprendizados ao aproximar agricultoras e agricultores dos consumidores, em uma dinâmica que contribui para dar visibilidade e mostrar a qualidade dos produtos agroecológicos, ajudar a abordar a questão da

transição agroecológica e dos princípios da produção orgânica, favorecer a mudança de hábitos alimentares da população, e acompanhar as tendências de mercado para ampliar e fidelizar a clientela.

Assim, durante o período da pandemia, uma parte dos entrevistados adequou-se rapidamente às exigências da dinâmica imposta pelo mercado, aumentando tanto a diversidade como o volume dos produtos comercializados. Conseguiram, assim, em curto espaço de tempo, adaptar-se ao novo cenário, vendendo na feira os produtos que, temporariamente, estariam impedidos de serem comercializados nos demais canais habituais dessas agricultoras e agricultores. Ao mesmo tempo, a relação agricultor-consumidor por meio da feira permitiu estreitar os vínculos com a clientela e oferecer, também, as vendas *delivery*, ou na própria porteira que, por sua vez, representa a possibilidade de incremento do turismo rural.

Embora os depoimentos tenham evidenciado a resiliência dos entrevistados, confirmada pela rápida superação de obstáculos na produção e comercialização de gêneros agrícolas durante o isolamento social, houve também relatos que apontam para a inexperiência e/ou ausência de visão de mercado de uma parte dos feirantes. Conforme as entrevistas sugerem, alguns entrevistados foram mais morosos em se adequar e atender às novas demandas dos clientes em relação à diversidade e quantidade de produtos comercializados na feira.

Outras agricultoras e agricultores reclamam de inaptidão para realizar o planejamento da produção, bem como calcular o custo de produção, de modo que os preços praticados na feira sejam mais condizentes. Para alguns entrevistados, deveria haver, então, uma maior divulgação da feira e apoio técnico da prefeitura municipal em relação à logística e ao planejamento da produção agropecuária local.

É importante ressaltar que o atual cenário de crise deixou patente os riscos inerentes à dependência de cadeias longas de produção e distribuição de alimentos. Deve-se destacar a importância das políticas públicas que privilegiam circuitos curtos de produção/comercialização baseados no consumo de alimentos produzidos localmente. A produção local vem se revelando como iniciativa estratégica para garantir a oferta de alimentos nas cidades, sobretudo entre as camadas populacionais em situação de vulnerabilidade social. Para isso, essas medidas devem estar articu-

ladas com outras ações, como assistência técnica e extensão rural, acesso à terra e proteção de territórios, bem como acesso à água e à moradia, compoem uma verdadeira política de desenvolvimento rural (VALADARES et al., 2020).

As coalizões geradas pelos agentes institucionais, a sociedade civil e agricultoras e agricultores são fundamentais para o empoderamento dos atores envolvidos no sentido da autonomia na gestão dos caminhos traçados e no âmbito produtivo e comercial. A qualidade do engajamento e as relações humanas estabelecidas determinam o desenvolvimento da agroecologia, do desenvolvimento territorial e da inclusão produtiva gerada para e pela agricultura familiar de base agroecológica de São Roque, por meio do Protocolo de Transição Agroecológica e da Feira Agroecológica de São Roque. Nesse caso, as agricultoras e agricultores feirantes, a prefeitura da estância turística de São Roque e a Unidade de Pesquisa e Desen-

volvimento em Agricultura Ecológica da APTA Regional são parceiros no desenvolvimento dessas políticas públicas (VIEGAS et al., 2016; VIEGAS et al., 2018; WOJCIECHOWSKI et al., 2020).

Os impactos da pandemia covid-19 na Feira Agroecológica de São Roque foram capturados nas entrevistas diretas *in loco*, tanto para os dados quantitativos semanais de renda gerada em 30 semanas, quanto para os dados qualitativos obtidos através de um questionário semiestruturado aplicado a agricultoras e agricultores feirantes.

Neste contexto, a agricultura familiar de base agroecológica mostra-se de fundamental importância para assegurar o acesso ao alimento saudável e seguro à população, bem como garantir o desenvolvimento dos circuitos curtos de comercialização. Em geral, conforme a percepção dos autores, houve uma tendência para o despertar da consciência quanto à necessidade de mudarmos nossas práticas alimentares e o modo de vida.

LITERATURA CITADA

ANDRADE, G. C. *et al.* The consumption of ultra-processed foods according to eating out occasions. **Public Health Nutrition**, Cambridge, v. 22, n. 6, p. 1041-1048, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1017/S1368980019002623>.

BAPTISTA, M. N.; CAMPOS, D. C. de **Metodologia de pesquisa em ciências: análises quantitativas e qualitativas**. 2 ed. São Paulo: LTC, 2016.

BRASIL. Lei nº 10.831, de 23 de dezembro de 2003. Dispõe sobre a agricultura orgânica e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1. Brasília, ano 140, n. 250, p. 8-9, 24 dez. 2003.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos**. Brasília: MAPA, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/sustentabilidade/organicos/cadastro-nacional-produtores-organicos>. Acesso em: 20 nov. 2020.

DAROLT, M. R. **Conexão ecológica: novas relações entre agricultores e consumidores**. Londrina: IAPAR, 2012.

DAROLT, M. R.; LAMINE, C. Dimensões da produção e consumo de alimentos de base ecológica em circuitos curtos na França e no Brasil. *In*: GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. (org.). **Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas**. Porto Alegre: UFRGS, 2017. p. 327-352.

FARIA, J. H. Autogestão, economia solidária e organização coletivista de produção associada: em direção ao rigor conceitual. **Cadernos EBAP.BR**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 629-550, jul./set. 2017. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/article/view/57778>. Acesso em: 26 jul. 2021.

FURLANETO, F. P. B.; SOARES, A. A. V. L.; FURLANETO, L. B. COVID-19: impacto no mercado de hortaliças e frutas. **Revista Internacional de Ciências**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 3-12, set./dez. 2020.

GOVERNO do Estado apresenta nova fase do Plano São Paulo. **Governo do Estado de São Paulo**: últimas notícias, São Paulo, 25 maio 2020. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/ultimas-noticias/governo-do-estado-apresenta-nova-fase-do-plano-sao-paulo/>. Acesso em: 22 jul. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades e Estados**: São Roque. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/sao-roque.html>. Acesso em: 24 nov. 2020.

PINHO, A. M. *et al.* **Sondagem sobre os impactos da pandemia da COVID-19 nos agricultores familiares do estado de São Paulo**. São Paulo: SAA: CDRS 2020. (Nota Técnica 1/2020).

MORTES e casos de coronavírus nos estados. **G1**: Bem-estar: coronavírus, São Paulo, 19 ago. 2021. Disponível em: <https://especiais.g1.globo.com/bemestar/coronavirus/estados-brasil-mortes-casos-media-movel/>. Acesso em: 19 ago. 2021.

ROSANVALLON, P. **La autogestión**. Madrid: Editorial Fundamentos, 1979.

SÃO PAULO (Estado). Decreto nº 64.881, de 22 de março de 2020. Decreta quarentena no Estado de São Paulo, no contexto da pandemia do COVID-19 (Novo Coronavírus), e dá providências complementares. **Diário Oficial do Estado de São Paulo**: seção 1, São Paulo, v. 130, n. 57, p. 1, 2020a.

SÃO PAULO (Estado). Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano. **Região Metropolitana de Sorocaba**. São Paulo: EMPLASA, 2019a. Disponível em: <https://emplasa.sp.gov.br/RMS>. Acesso em: 24 nov. 2020.

SÃO PAULO (Estado). Fundação Seade. **Coronavírus**: dados completos. São Paulo, 2021a. Disponível em: https://www.seade.gov.br/coronavirus/?utm_source=portal&utm_medium=banner&utm_campaign=boletim-completo#. Acesso em: 26 fev. 2021.

SÃO PAULO (Estado). Governo do Estado de São Paulo. **SP contra o novo coronavírus**: adesão ao isolamento social em SP. São Paulo, 2021b. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/coronavirus/isolamento/>. Acesso em: 26 fev. 2021.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. Coordenadoria de Desenvolvimento dos Agronegócios. **Agricultoras e agricultores em transição agroecológica**. São Paulo: SAA: CODEAGRO, 2020b. Disponível em: <https://www.codeagro.sp.gov.br/transicao-agroecologica/agricultores-em-transicao-agroecologica>. Acesso em: 20 nov. 2020.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. Instituto de Economia Agrícola. Coordenadoria de Desenvolvimento Rural Sustentável. **Projeto LUPA 2016-2017**: censo agropecuário do estado de São Paulo. São Paulo: SAA: IEA: CDRS, 2019b. Disponível em: <https://www.cdrs.sp.gov.br/projetolupa/index.php>. Acesso em: 20 nov. 2020.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. Lei nº 16.684, de 19 de março de 2018. Institui a Política Estadual de Agroecologia e Produção Orgânica - PEAPO, e dá outras providências. **Diário Oficial do Estado de São Paulo**: seção 1, São Paulo, v. 128, n. 51, p. 1-3, 2018. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/2018/lei-16684-19.03.2018.html>. Acesso em: 10 set. 2020.

SÃO ROQUE. **Lei nº 5.031, de 2 de outubro de 2019**. Institui a Feira Agroecológica na Unidade de Pesquisa e Desenvolvimento em Agricultura Ecológica - UPD AE de São Roque, e dá outras providências. São Roque: Poder Executivo, 2019.

STEELE, E. M. *et al.* Mudanças alimentares na coorte NutriNet Brasil durante a pandemia de covid-19. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 54, n. 91, p. 1-8, 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2020054002950>.

VALADARES, A. A. *et al.* Agricultura familiar e abastecimento alimentar no contexto do covid-19: uma abordagem das ações públicas emergenciais, 2020. **Nota Técnica IPEA**, Brasília, n. 69, p. 1-23, 2020. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9996/1/NT_69_Disoc_Agricultura%20familiar%20e%20abastecimento.pdf. Acesso em: 18 jan. 2021.

VIEGAS, I. F. P. *et al.* Economia solidária para a agroecologia: cooperação interinstitucional. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ECONOMIA POPULAR E SOLIDÁRIA E DESENVOLVIMENTO LOCAL: diálogo Brasil-Cuba, 1., 2016, Feira de Santana. **Anais** [...]. Feira de Santana: CIEPS, 2016. p. 420-423. Disponível em: <http://ciepsuefs.blogspot.com/2016/08/os-anais-do-i-cieps.html#more>. Acesso em: 10 set. 2020.

VIEGAS, I. F. P. *et al.* Rede agroecológica caiçara: agroecologia e economia solidária como resultado da cooperação entre pesquisa, extensão e sociedade civil. *In*: CONGRESO INTERNACIONAL DE AGROECOLOGÍA, 7., 2018, Córdoba. **Anais** [...]. Córdoba: ISEC-UCO, 2018. p. 267-273. Disponível em: <https://www.osala-agroecologia.org/IMG/pdf/Congreso2018/Libro%20de%20Actas%20Congreso%20Agroecolog%C3%ADa%202018.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2020.

WOJCIECHOWSKI, M. J. *et al.* Uma leitura territorial e escalar dos processos inovadores da transição agroecológica em dois municípios do Vale do Paraíba e do Litoral Norte de São Paulo, Brasil. **Redes**, Santa Cruz do Sul, v. 25, n. 1, p. 59-83, 2020. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/redes/article/view/14639>. Acesso em: 26 jul. 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Doença por coronavírus (COVID 19)**. Genebra, 2020. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>. Acesso em: 24 nov. 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Coronavirus disease (COVID 19) pandemic**. Genebra, 2021. Disponível em: https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019?gclid=CjwKCAiA1eKBBhBZEiwAX3gqI7KBs0RrIK3yCqYoPsoVUVTFsHKh9Lb_FDDa1jf4nnSD-AZ815znphoCAR0QAvD_BwE. Acesso em: 20 ago. 2021.

IMPACTOS DA PANDEMIA COVID-19 NA FEIRA AGROECOLÓGICA DE SÃO ROQUE, ESTADO DE SÃO PAULO

RESUMO: O trabalho aborda o comportamento e o perfil da Feira Agroecológica de São Roque antes e durante a pandemia da covid-19, em 2020. A partir da perspectiva das agricultoras e agricultores feirantes, foram analisados o perfil, receita gerada, visão sobre agroecologia, canais de comercialização, o papel da feira e as relações com a pandemia, utilizando metodologia quali-quantitativa. Os resultados das coletas de dados mostraram que a pandemia ressaltou a importância dos circuitos curtos de comercialização e a feira como um canal eficiente, tendo um incremento na receita. A feira mostrou-se como um local de resiliência, oferta de alimentos saudáveis, segurança alimentar e nutricional.

Palavras-chave: circuitos curtos de comercialização, resiliência, Protocolo de Transição Agroecológica.

IMPACTS OF COVID-19 PANDEMICS AT THE SAO ROQUE'S AGROECOLOGICAL FARMERS' MARKET, SAO PAULO STATE

ABSTRACT: The aim of this paper is to evaluate the profile of Sao Roque's agroecological farmers' market from farmers' perspective. Profile, income, farmers' view about agroecology, marketing channel, aim of the farmers' markets and relationship with pandemic were analysed using quali-quantitative methodology. Results demonstrated that pandemic highlighted the importance of short food circuits and this

farmers' market was proved to be an effective channel, which provided income increase. Farmers' market proved to be a place of resilience, which offers healthy food supply and improves food safety and security.

Key-words: *short food circuits, resilience, agroecological transition protocol.*

Recebido em 01/03/2021. Liberado para publicação em 07/06/2021.

COMO CITAR

TIVELLI, S. W.; VEJA, S. M. R.; MARTINS, V. A.; RAMOS, S. F.; VIEGAS, I. F. P. Impactos da pandemia covid-19 na feira agroecológica de São Roque, SP. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 51, p. 1-15, eie012021, 2021. Disponível em: **colocar o link do artigo**. Acesso em: **dd.mmm.aaaa**.